

QUINTA-FEIRA
Lisboa--27 de Agosto de 1931

5 TOSTÕES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

275



sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

Manuel de Andrade

(Comandante dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda)



Noticia do Bombeiro Voluntario e Comandante do "Bompeiro Verde" sempre da melhor vontade. Vão para os fogos com coragem, saftalitos, af-
drez. Até têm o quartel na Alegria! As chamas vêem um "calor" quando os braves rapazes as atacam, e o proprio sol, se for muito "ardente" aponta uma
estrelada de ficar três dias á chuva de mangueira--se não faltar a água.



Os ditos da semana



O "Hilary" A convite dos representantes da Booth Line em Lisboa, sr. Garland Laideley & C. almoçamos na semana passada a bordo do «Hilary», novo paquete daquela companhia que está fazendo a sua primeira viagem.

Das excelencias do paquete já falaram os jornais da especialidade, isto é os jornais serios, aqueles que embarcam sempre em primeira classe, de rabona e chapéu de coco, com um ar muito grave, para dizer aquela ultima palavra, com que se fazem e desfazem reputações.

Aqui, porém, a coisa é outra:

Gostamos do paquete e gostamos do almoço. Gostamos das passageiras e gostamos dos directores da Companhia, pessoas amáveis, muito amáveis mesmo, e principalmente muito inglesas, tão inglesas que até um dos directores, para que tudo estivesse a caracter, teve o cuidado de se chamar Booth, que, como os senhores sabem, quer dizer «navio» em inglez. A primeira vista parece que não, que quer dizer «bota» mas é navio mesmo. É «bota» foi coisa que não houve. Tudo bem, tudo certo, tudo no seu lugar, inclusivamente o Benoliel que também estava no seu lugar... à mesa.

O «Hilary» é bem um navio do nosso tempo, é um navio bolchevista. Expliquemos.

Ha alguns anos ainda, os passageiros de 3.ª classe, viajavam como animais, em monte, numa promiscuidade revoltante, como se a qualidade de emigrantes lhes tirasse a qualidade de gente. Pois agora que os tempos são outros, e já se reconheceu direito de cretura humana, aos parias sera vintem, o «Hilary» apresenta uma terceira classe igual á primeira. Até já lá se toma banho e se tem direito a beliche, a agua gelada e a musica. Já não falamos do enjoo porque esse é de todas as classes e muito antigo. E está tudo certo.

Num navio daqueles ia-se até ao fim do mundo.

Um livro

Anibal Nazaré e Lopes Correia, ambos escritores teatraes e ambos engraçados, vão publicar um livro em resposta a «Os escandalos dos cinemas» de Carlos Frederico. O livro intitula-se «Cem por cento moralista» e encerra um verdadeiro tratado de moralidade,

envolto em conselhos aos pais que mandam as filhas ao cinema como antigamente as mandavam ás Salésias. Pelo que sabemos da nova obra, auguramos-lhe um grande exito de livraria e um belo sucesso de gargalhada.

Culinária

Em vista do sucesso que fez a nossa primeira receita de culinária e dos numerosos incentivos que temos recebido de diversas donas de casa, damos já hoje uma nova receita de

Rim á la broche

Adquire-se um bom rim de vaca, vitela ou boi, tendo o cuidado de colher informações acerca dos habitos e costumes do animal, porque nem todo o rim serve para este acepipe. Convem excluir por exemplo o rim mel, o rincão e o Rim skikorsakoff. O rimmel porque, sendo uma coisa para os olhos, não se compreende que só em ultimo lugar se lhe dê esse destino: o rincão porque, entre nós, o cão não é comestivel e o Rim skykorsakoff, porque ainda não somos todos canibais, antropogafos.

Uma vez adquirido o rim, prepara-se convenientemente, temperando-o com todos os condimentos necessarios e nesta altura, já ele começa a estar um pouco á la broche, porque finorio como é, já percebeu que o não foram buscar para bom fim.

Em seguida enfia-se no espeto e coloco-se em cima das brazas. Nesta altura convem, ou não se afastar o cosinheiro do junto do lume, ou fechar convenientemente as janelas para que não se dê o caso de entrar algum gato e do rim passar pelo fogo como gato por cima de brazas, o que daria em resultado ficar muito mal passado.

Procedendo assim, com todas as cautelas, o rim começa a suar, a torcer-se e a retorcer-se, a chiar, a entumescer, a pôr-se muito vermelho e congestionado, tal qual como quaiquer pessoa honesta apanhada em flagrante falcatrua e eis o rim verdadeiramente á la broche.

Ora diga-nos a gentilissima leitora se lhe fizessem o mesmo, mesmo sem o espeto, se não ficava realmente á la broche.

Depois é só come-los. E basta de comparações.

Anuncios Começamos hoje por um anuncio que não é do nosso fornecedor habitual:

Licor de leite

Suave — Aromatico — Delicioso. Isento de essencias artificiais. O mais recomendado para festas de familia.

—Olha a novidade...

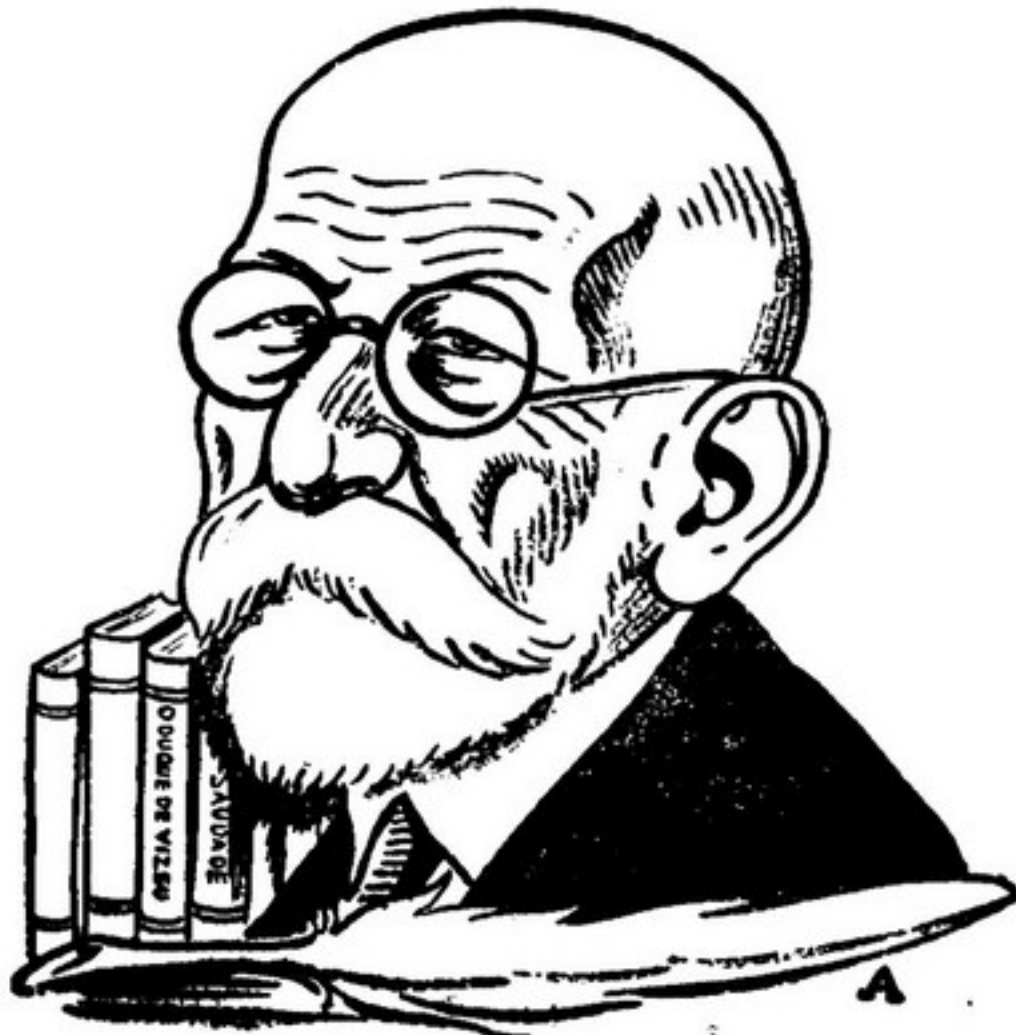
Em focinho de cão

Fizemos ha dias referencia a um curioso anuncio de manteiga de Espinho, meio literario, meio lirico, e alguma coisa comercial. Sabemos agora que o anunciante nos enviou uma lata da preciosa manteiga com os seus agradecimentos pelo reclamo.

Muito obrigado, embora não vissemos a manteiga, que desapareceu como manteiga em focinho de cão. Desconfiamos mesmo que foi manteiga em focinho de cão.

Este facto não obsta, todavia a que nos apressemos a agradecer a gentileza. E, como o caso é de rara amabilidade, entendemos que não bastam estas simples palavras, para testemunhar a nossa gratidão. Vamos pedir ao nosso querido camarada Felix Correia para passar por lá e renovar os agradecimentos de viva voz, e ele dirá da excelencia da manteiga, com conhecimento de causa.

Henrique Lopes de Mendonça



Perante a morte do grande dramaturgo e patriota, autor da letra do Hino Nacional, o «Sempre Fixe» desafiou a matança do riso para lhe prestar a ultima e sentida homenagem.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	{	Ano:	26\$00
		Semestre:	13\$00
		Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	{	Semestre:	15\$00
		Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	{	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto agora, é, por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

VIVA O JAZZ!

NO Parque Mayer anda um cheirinho a paz que até consola.

Acabaram-se os treinos de luta que tão inteligentemente vinham sendo realizados pelo activo empresario que foi, do Variedades.

Os treinos, de tão activos que foram, deram em passivo no pacifico homem de teatro, que foi concluir os treinos nos banhos sulfureos das Caldas.

Sim, porque o remedio, agora, só das Calkias...

■ ■ ■

A revista *Ai-ló* foi remodelada, mas infelizmente não pode voltar à primitiva.

E' bom esperar, que o saber esperar é uma qualidade!...

■ ■ ■

REGISTOU-SE ha dias, no Parque Mayer, mais uma cena de pugilato, entre um escritor muito popular e muito mais gordo e um empregado superior da Sociedade dos Autores, excessivamente magro e pequeno, mas tambem muito conhecido.

A certa altura da questão, o gordo deixou-se cair para cima do magro, mas sem consequencias, visto que nenhum deles ficou amarrotado!

■ ■ ■

CONTINUA a reunir o Congresso Internacional da Critica.

Desta vez, sim, é que o teatro se salva!

Como a hora é critica!

■ ■ ■

O actor Joaquim Prata, que anda na companhia José Climaco, actualmente no Brasil, volta a Portugal.



—Mas querido! Ha vinte anos nós tinhamos a mesma idade, mas presentemente eu tenho menos quinze anos que tu!...



Silva Tavares, Acuroio Pereira, Fernando Santos e Lino Ferreira, autores da triunfante revista do Maria Victoria.

Não é para admirar! A boa pratica não fica lá por fóra!

■ ■ ■

TEM causado um grande exito o concurso de coristas dos teatros de Lisboa, organizado pelo nosso colega *Noticias Ilustrado*.

Nós, que adivinhamos tudo, temos o palpite de que quem vai ganhar é a pequena Olinda, da Variedades.

Não admira! Ela é fotogenica!...

■ ■ ■

LINO Ferreira, que já possuía o grau de cavaleiro da Ordem de S. Tiago da Espada, foi elevado a oficial da mesma Ordem.

Congratulamo-nos!

Impunha-se a sua promoção a oficial, porque em cavaleiro já estava um bocado gordo para montar...

■ ■ ■

JOSÉ GARRAS e Lino Ferreira tem estado trabalhando uma peça intitulada *Amor dos Outros*.

Como será?

VAMOS ter, brevemente, uma revista: *Valsa a premio*, original de: ..., etc., etc.

Como é de três pontos, deve ser uma revista com todos os pontos nos ii...

■ ■ ■

PENSA-SE na reposição de *Leonor Teles*, de Marcellino de Mesquita.

Palmira Bastos será a «Flór da Altura» e a figura de «D. Fernando nobre rei sonhador, magro e louro, será desempenhado por Alves da Cunha.

Consta que este artista se vai sujeitar a um regimen de elegancia num instituto de beleza...

■ ■ ■

BREVEMENTE subirá á cena, no Politeama, uma comedia intitulada: *Missa do Galo*.

O espectáculo começa á meia noite!

■ ■ ■

SILVIA Pereira trouxe de fora de mar joias de campo. Guiado por uma linda estrela, encaminhou os seus passos para Sintra,

não tendo por isso feito os seus habituais treinos desportivos.

Apenas faz *footing*!

■ ■ ■

OS artistas do Maria Victoria vão todos ter automovel.

Naquele teatro começaram já as lições de automobilismo, que são dadas por Antonio Silva e Josefina Silva.

O Costinha vai comprar para ele uma *citrocnette*!...

■ ■ ■

A luz atroi!

Será por isso que a Hortense Luz tem mantido á sua volta os elementos artisticos que daqui levou?

Como lá por Africa é tudo preto... a luz do seu talento deve ser bem intensa.

(Este eco é dedicado áqueles que não sabem lêr).

■ ■ ■

«O desafio do Vasco» no Avenida!...

Será cena de pugilato ou numero novo da revista *Ai-ló*?...

■ ■ ■

FELICIANO Santos e Mario Barros estão escrevendo uma comedia, intitulada *A Greta da Parede*.

Um dos personagens é um pedreiro—que é para tapar a greta...

■ ■ ■

COM grande espanto de toda a gente, o nosso Erico Braga viu outro dia que o cabelo lhe tinha crescido assustadoramente.

Examinou-se e logo deu pelo engano.

Tinha posto dois capachinhos!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



—Estuda, meu rapaz. Na tua idade é que se desenvolve o espirito.

—E na tua acontece o contrario?



Ele: — Costei imenso de a ver tomar hoje banho com o hipopótamo de borracha.

Ela: — Não vê bem, com certeza. Eu estive foi a tomar banho com minha mãe...

Indecisões do Palhares

C Palhares era na vida um indeciso, e até se afirma que, antes de vir à luz do dia, esteve indeciso entre o nascer e não nascer.

Pensava em realizar um negócio, e logo lhe aparecia a indecisão a não permitir a realização do facto.

Ora, um dia, ao Palhares morreu-lhe o pai. Esteve muito tempo indeciso, a pensar se devia ou não acreditar na realidade do falecimento. Por fim, não havendo outro remédio, acreditou.

Havia uma herança a receber. Mas a sua indecisão não o deixou recebê-la com aquela prontidão que era mister.

Quando se apanhou com o dinheiro, o Palhares começou a pensar o que dele deveria fazer. Um prédio? Comprar um automóvel? Ir para o estrangeiro?

Large tempo o nosso Palhares se entretinha nas indecisões que o caso lhe trazia. Mas por fim resolveu comprar o terreno para all mandar construir um prédio.

Faço a casa com duas frentes, ou com uma? — interrogara-se. Andou indeciso, sem saber o que fazer, até que resolveu pô-la só com uma. Faço varandas ou simples janelas? Faço dez casas ou quinze?

Por fim, encomendada a planta, andou o bom do Palhares à volta com o mestre de obras: — Olhe, eu quero isto; quero aquilo. — E daí a pouco: — Olhe, já não quero isto; já não quero aquilo.

Uma manhã, aproximou-se do mestre d'obras e disse:

— Em vez duma W. C., eu quero duas. Pode às vezes suceder haver duas pessoas atacadas dos intestinos e o problema, assim, está resolvido.

D'ali a pouco, voltou: — O' sr. Antonio: não faça as duas W. C.; faça só uma, mas com dois assentos. Não sei se entende: a mesma W. C. para duas pessoas, com dois buracos.

— Sim, senhor! — diz o mestre. Uma hora depois, volta o Palhares:

— O' sr. Antonio: faça a W. C. só com um assento.

Cinco minutos depois: — Sempre é melhor fazer com dois.

Não sabia o operário o que fazer, mas resolveu por fim construir a W. C. apenas para uma pessoa.

Dias depois, appareceu o Palhares que, vendo a obra, exclamou:

— Então o senhor fez a W. C. apenas com um buraco?

— Eu lhe digo — voltou o mestre d'obras — como o senhor é muito indeciso, é melhor assim... — ?!...

— Pois claro, podia um dia aparecer com dores de barriga, entrava e... vendo dois buracos... punha-se a pensar de qual deles se havia de servir e... acabava por fazer tudo nas calças...

O Evaristo

Evaristo Banana era um rapaz inteligente e com todas as qualidades do falecido amigo Banana, de quem descendia em linha curvada. Trabalhador incansável nas horas vagas, passava as outras sem nada fazer e as restantes a dormir. Explorava a Mina Nova, lá para Bemfica, por sua conta e sem risco algum. Com a exploração da Mina ganhava uma excelente cor devido à extracção do ar sólido com incrustações de pó da estrada.

O Evaristo vivia muito feliz, para o que tinha tirado a respectiva licença, quando um dia o demónio lhe entrou no espirito na esbelta figura duma linda morena com uns ternos olhos registados na 3.ª Conservatória, freguesia de S. Sebastião da Pedreira. Como succede a todo o macho, Banana apaixonou-se, começou a emagrecer e a pôr-se da cor do saboroso fruto do seu apelido. Indagou o nome da pequena e soube que ela, desde que fôra à pia baptismal, se chamava Laura. E a Laura — do coração onde a tinha colocado, envolta em algodão em rama, para se não quebrar — subiu-lhe à cabeça, depois desceu, tornou a subir e novamente a descer e de tal maneira que até parecia o elevador da Gloria nos raros dias em que funciona. Ia esperá-la e, se ela vinha de vestido vermelho, Evaristo ficava azul; se vinha de azul, o infeliz nem sabia de que terra era. O Banana desatou a fazer loucuras, entre as quais a de comprar vigésimos às riscas não premiadas na lotaria, e se por acaso, no electrico, se sentava junto à encantadora rapariga, mirava-a de soslaio e fazia olhos de carneiro mal morto. Timido de nascerença e maleriado por hereditariiedade, não se atrevia a dizer as habituais grosserias que é costume atirar aos ouvidos das senhoras, nem lhe pagava o bilhete do transporte.

Os amigos incitavam-no a tomar uma atitude energica, mas o Banana só tomava aguardente, masculinizava o apelido e continuava murchinho! E aquele amor platónico prosseguia, sem talvez a pequena ar por tal, embora estranhasse ver o Evaristo por toda

a parte, a fingir de sombra. A Laura ia aquecendo-lhe lentamente os miolos e, quando eles já estavam em ponto de reboçado, caiu á cama, muito mais esfalfado que o cavallo do Tanganho ao terminar a prova.

Chamado o medico urgentemente, este só se fez esperar dois dias. Puxou-lhe a lingua cá para fóra, a ver se a tinha comprida, e, após um aturado exame, chegou á conclusão de que o Evaristo ia ser brevemente promovido á categoria de defunto. Travou-se então o seguinte diálogo:

Medico: — O meu amigo está muito fraco!

Evaristo: — E' verdade, doutor. Tenho um grande fraco por ela.

M.: — O senhor tem uma lesão adiantadissima, uma infecção pulmonar com duas cavernas e um cistena nodoso.

E.: — Acertou, doutor. Na realidade, por causa de ilusão em que tenho vivido, e que comeci frequentando as tabernas e a padecção do sistema nervoso.

M.: — Vou-lhe receitar umas injeções de caféina para o coração e o tratamento de raios ultravioletas para as pernas. Verá que isso em breve passa.

E.: — O quê, ela continua a mesma hora á porta do Café e com meias violetas a embelezar-lhe as pernas?

O medico, convencido de que o Banana já estava com os miolos a desfazerem-se, entregou a receita á governante, recebeu cinquenta escudos da consulta e disse-lhe que no dia seguinte poderia mandar ao consultorio a certidão de obito para assinar.

Avisado a tempo, fui visitar aquele meu pobre amigo, que ao vêr-me estendeu a mão e em voz cavernosa murmurou:

— Adeus, Rocix amigo. Vou abandonar já o mundo sem conseguir satisfazer os dois maiores desejos da minha vida: pagar os cem escudos que me emprestaste e dar um beijinho na Laura!

E pela primeira vez e unica na sua vida, o desditoso Evaristo Banana não faltou á sua palavra: morreu logo!!

ROCIX.



A utua: — O que me consola, é saber onde ele agora passa todas as noites...

Graça dos outros

Est: — Ela, sentimental: — Gostava muito de ter uma casa minha!
Ele, pratico: — Se você tivesse uma, casava-me consigo...

Entre amigas:
— E como sabes que teu marido te engana?
— Porque outro dia, quando choveu, veio para casa com o fato molhado dum lado e enxuto do outro...

Na rua:
— Olha aquela mulher! Qualquer pessoa diria que é um homem!
— Não admira! E' um homem!
— Um homem?! Pois qualquer pessoa diria que é uma mulher!...

A patroa: — Cuidado, Sara! Fez o café muito forte. Já lhe disse que era preciso economizar o café!
A criada: — Desculpe, minha senhora! Enganei-me. Trouxe o que tinha feito para mim...

No atelier do pintor:
— Diga-me, querido mestre! Onde está a verdadeira arte no seu quadro?
— Eu creio que a verdadeira arte não está na pintura, mas sim em vender o quadro...

Na estrada:
— Estás doido! Se continuas com o automovel nessa velocidade, vamos nos estatelar!
— Se tens medo, faz como eu quando gulo: fecho os olhos!...

— Tua mulher trata muito mal os criados!
— Felizmente que sim!
— Felizmente?!
— E' um derivativo para ela! Se não fossem os criados, o que seria de mim...

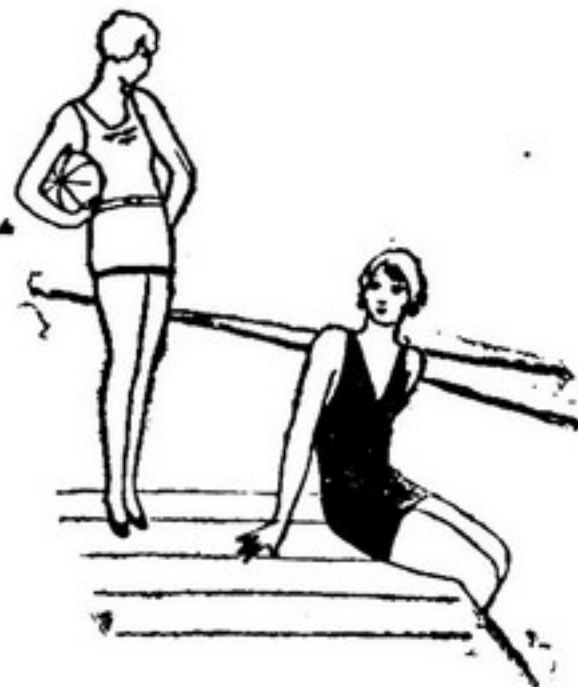
A mulher: — Antonio, tu já não gostas de mim!
O marido: — Porque disse isso?
A mulher: — Porque tu já não me das razão quando faço alguma asneira!...

OS ESTORIS





Tac-Tac-Tac



— Quando o juri me perguntou a idade fiquei sem saber ao certo se tinha 25 ou 28 anos.
— E o que respondeste?
— Que tinha dezoito anos...

Elevador da Gloria

O pai: — Que hei de fazer de ti, meu filho? Na escola só tens zeros, zeros...
O filho: — Não te rales, papá! Sabes bem que é com zeros que se fazem milhões...

★ ★ ★

Na rua:
— V. ex.ª é o sr. Antunes?
— Não, senhor!
— Bem me queria parecer! Não se parece nada com ele!

★ ★ ★

Entre amigos:
— Não duvides! Ha viúvas que não se consolam nunca. Conheci uma que amava tanto o marido que morreu no mesmo dia que ele!
— E' possível?
— E'! Trinta e cinco anos depois!...

★ ★ ★

Na praia:
Ela, em «maillots» e muito amarelada: — Perdão, cavalheiro! Pode-se saber para que jornal é o meu retrato?
O fotografo: — Para nenhum. E' para a minha colecção particular!
Ela, indignada: — Então o senhor julga que eu, uma rapariga seria, me deixo fotografar neste traje de banho sem ser para um jornal?...

★ ★ ★

Um convite:
— Venha amanhã a minha casa. Minha filha cantará e cearemos á meia noite!
— Bem, então irei á meia noite!

★ ★ ★

Na ilha deserta:
Ele: — Que monotonia estarmos sempre sós!
Ela: — Sim, sem se poder dizer mal de ninguém!...

★ ★ ★

A dama generosa:
— E ha muito tempo que está sem trabalho?
O mendigo: — Eu lhe digo: Não estou certo se nasci em 1900 ou 1901!...

★ ★ ★

Em Sintra:
Ela: — Não se abanicava mais não, não!
Ele: — Não, não, não! O vento dos párares é lindo! Até parece cinema sonoro!

Eu tenho um amigo de muito talento e varias outras aptidões chamado José da Penca Longa, o qual, tal como a muita gente decente sucede, escreve nos jornais. E ás vezes, até, escreve com uma certa piada. Ora o meu amigo Penca Longa encontrou-me ontem, á tardinha, e, abruptamente, á queima-roupa, disse-me assim:
— Cirano, meu bom Cirano! Estou desesperado!

E eu, sinceramente aflito, respondi-lhe assim:
— Abre-te, Penca Longa, ao seio amigo; fala com confiança; desabafa.

— Dexabafado acordei eu esta manhã; por isso tudo me tem corrido torto durante o dia.

— Mas conta os teus desgostos — convidai-o.

E assim me narrou a sua tragica aventura:

— Calcula que caí na asneira de reclamar, num artigo, contra o barulho infernal que faziam certas grafonolas armadas de alto-falantes e outros instrumentos de tortura ultimamente inventados para atordoar as pessoas, a fim de mais facilmente irem no embulho.

— E que julgas tu — ó risinho Cirano de Velhofrac — que sucedeu? Sucedeu que a Camara Municipal, que é de sua natureza surda-muda, desta vez encarregou talvez o sr. Quirino da Fonseca de ouvir e este escancarou os ouvidos — aos ruidos estrondosos e escandalosos e á minha reclamação.

— Ora ainda bem! — não pude eu conter-me que não dissesse. — Isso só mostra que tens importancia.

— Pois ora ainda mal, e muito mal! Ora, péssimo! Desde que tal se deu, nunca mais tive socego. E' toda a gente a escrever-me, a reclamar contra todos os barulhos

da vizinhança, desde o ladrar dos cães de caça que certos moradores criam carinhosamente em quartos mobilados de 3.ª andares, sem porta para a escada, aos pianos em que as meninas esperançosas aprendem a assassinar postumamente Chopin e Mozart, o sacudir e bater de tapetes e carpettes, os discos do fado-liró e outros congéneres da Cacilda e doutras gajas... — um inferno! Eu pergunto: «Mas o que tenho eu com isso?» «O que tem?» — respondia-me com firmeza um tipo que me foi procurar a casa esta manhã. — «Tem muito. Desde que se meteu a pôr isto na ordem, tem de ir até o fim. E' o seu sagrado dever de jornalista!»

— Mas, então — perguntei com toda a paciencia ao visitante imperioso — de que se queixa o meu amigo?

— Eu cá é do cochiro.

— Do cochiro?...

— Sim, daquela pouca vergonha do meu visinho, que escandaliza toda a gente da rua. Logo de manhãzinha cedo, põe o cochiro de fora, á janela, e só lá para a noite é que o recolhe. E' um verdadeiro escandalo!

— Isso lá se o homem anda de cochiro de fora, vocês chamem a policia, que isso é indecencia na via publica — aconselhei.

— O' sr. Penca Grande, o ladrão do passaro importa-se lá da policia! Canta de gaio, canta de burro, canta de canario, canta de gato, canta de melro...

— Ah, é dum passaro que se tratava! — disse eu, Cirano, por minha vez, num grande alivio.

— Pois era — respondeu-me Penca Grande. — Mas eu até apanhei um susto. Julgava outra coisa mais séria.

CIRANO DE VELHOFAC.



— E só casas com um idiota, mas muito rico?
— Porquê... estás rico?

Uma viagem a Lisboa

O Ismael Pereira nunca tinha vindo a Lisboa. Viera a este mundo ha perto de 25 anos e a unica viagem que até hoje fizera foi a dos confins do Nada para a simpatica vila de Ovar, onde desembarcou, ficando, por um velho habito, natural daquela terra.

Pois, um belo dia, a Ismael apeteceu-lhe vir até á capital, vêr como isto era, e foi tomar conselho com o seu velho amigo Sebastião, pessoa muito viajada, pois estava farto de ir a Aveiro, e perguntar-lhe o que era preciso para fazer a jornada. O Sebastião, esportalhão, pensou logo na melhor maneira de fazer uma partida ao simplorio do Ismael, uma partida que lançasse definitivamente o Sebastião como primeiro brincalhão daquelas paragens.

— Pois tu queres ir a Lisboa, Ismael? Deixa estar que eu hei de arranjar-te uma passagem de borla para o comboio.

E, dias depois, o Sebastião trazia ao Ismael um embulho muito pesado e dizia-lhe:

— Olha, isto é a passagem. Tu chegas á estação e perguntas pelo comboio e, se te disserem que ele já partiu, metes pela linha fóra, a correr, até á estação seguinte, e assim sucessivamente até o apanhares.

★ ★ ★

— Faz favor de me dizer se o comboio já passou? — perguntava o Ismael, com o embulho da passagem, um farnel e endomingadamente vestido, ao chefe da estação do caminho de ferro.

— Já, sim, senhor. Até já deve estar na outra estação.

E o pobre Ismael desatou a correr pela linha fóra até á estação seguinte. Nesta estação, nova pergunta, nova pergunta, a mesma resposta do chefe, e de novo aí vai o Ismael em correria sempre pela linha, até á outra estação. Ainda nova pergunta com a mesma resposta, e logo começa em louca correria o Ismael, a deitar já os bofes pela boca fóra. O desgraçado já mal podia correr, mas mesmo assim ainda conseguiu chegar a outra estação e, quasi já sem poder falar, fez a mesma pergunta:

— O comboio já passou?

— Onde vai ele já!

E a corrida continuou, já frouxamente, sem forças para coisa nenhuma. O Ismael já ia descalco, mas sempre com o embulho da passagem debaixo do braço, e já quasi morto conseguiu ainda chegar á outra estação e renovar a pergunta:

— Faz favor, diz-me se o comboio já passou?

— One vai ele já. Olhe que já vai muito longe.

O Ismael ficou-se um momento a pensar, indeciso entre uma nova corrida, mas, não a podendo aguentar, exclamou:

— Ora, Malditos comboios. Já não quero saber deles para nada. Vou a caminho de Lisboa.

MANOEL DUQUE.



— Os homens são todos uns egoístas e eu posso falar do cadeira

Cacharolete

Feito o pedido da Federação que agrupa todos os transportadores, e sinto uma profunda comoção ante sucessos tão aterradores.

É realmente para impressionar a sorte miserável e amarga de quem, para viver, tem que passar a ser a besta que transporta carga.

Setenta e cinco quilos quer este ano, para limite dos pesados fardos. Setenta e cinco sobre o lombo humano?

Antes passar a vida a comer cardos!

Para as mulheres tão longe não se vai: Até quarenta quilos, liberdade! E anda, uma filha a sustenta, um pai, p'andar como uma burra p'la cidade!

Tantos motores, tantos inventos, tantos para substituir os animais, e, afinal, mulheres e homens, quantos adiam na vida como irracionais...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Uma nota da C. P.

Da C. P., recebemos a seguinte nota: Tem sido distribuídos ultimamente, com o resato que é de rigor em campanhas insidiosas, uns papéis onde figura uma lista de vencimentos atribuídos aos Corpos Gerentes da C. P.

Pelos catos, pelas ruas, por casas particulares e ate nas ante-cameras ministeriais são passados de mão em mão esses papéis destinados a alimentar um ambiente hostil á Administração da C. P.—ambiente que começou a formar-se por motivos conhecidos, depois do arrendamento das linhas do Estado.

Tambem alguns jornais, esquecendo-se lamentavelmente de indagar a verdade e de procurar as origens dessa campanha difamatória, publicaram essa lista com a nota, reproduzida do referido papel, de que as quantias nela mencionadas representam tão somente gratificações do fim do ano, e que, além delas, são ainda distribuídos percentagens e vencimentos elevados aos Corpos Gerentes da C. P.

Se bem que os Administradores da C. P. tenham apenas que dar contas dos seus actos as entidades que lhes conferiram os respectivos mandatos, e essas não são, por certo, quem promove a campanha surda que se está fazendo, pois sempre lhes ratificaram a sua absoluta confiança—não querem deixar de elucidar sobre este ponto as pessoas de boa fé e que sigam com interesse tudo que se refere esta grande Empresa. A esses dirá:

1.—A Assemblia Geral dos Acionistas compete, nos termos dos Estatutos, ficar anualmente a remuneração dos Corpos Gerentes da C. P.

2.—Deus prerrogativa tem sempre a Assemblia Geral Ordinaria feito uso, fixando não só o vencimento global dos Corpos Gerentes mas ate a sua distribuição pelos componentes destes e ainda a norma segundo a qual essa distribuição poderá ser alterada.

3.—Os membros dos Corpos Gerentes da C. P. nada mais recebem, como remuneração do seu trabalho, do que aquilo que lhes foi fixado na Assemblia Geral, unica entidade soberana para se ocupar do assunto. E, portanto, calunioso tudo quanto se diga de qualquer quantia recebida pelos Corpos Gerentes da Companhia a titulo de gratificação ou qualquer outro.

4.—Como se pode ver pelos respectivos Relatorios, a remuneração global das 29 pessoas que nos termos do Convênio de 1884 constituem os Corpos Gerentes da C. P., comprehendendo o Comissario do Governo e Comissario Adjunto, em 1933 foi 16,85 vezes maior que em 1913 (ultimo exercicio antes da Guerra) apesar da moeda estar hoje desvalorizada mais de 24 vezes e da rede explorada pela C. P. ter agora uma extensao quasi dupla da que tinha em 1913.

Lampadas TRIFON

tambem dão optima luz

Ja experimentadas 1.000 horas, cada lampada feita de especial vidro da Tcheco-Slovaquia e vidro fosco, que dá boa luz e não estraga os órgãos visuais. Ultima novidade. Por cada lampada oferecemos uma lamina Theodosia no valor de Esc. 1800. A electricistas desconto especial. Sempre novidades. Acessorios T. S. F.

Tabacaria Electro, Lda

Praça dos Restauradores, 78 (Escada)

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

O perigo dos mal entendidos

Como v. ex.ª sabem (e eu não desminto, porque é muito feio), todos nós temos na vida uns minutos de estupidez.

O ser-se estúpido consiste, afinal, unicamente em abusar do tempo que pela benevolencia alheia nos é concedido para tal... É todos, durante a vida, parecem fazer alarde desses momentos, atribuindo-se, a si proprios, titulos francamente pouco lisonjeiros. Devemos mesmo concordar que, se bastas vezes ouvíssemos alguém faiar de nós nos termos em que o fazemos, teríamos necessariamente «um caso muito sério»...

Senão, reparem: Houve um desastre de automovel? Escutem o «chauffeur»: — «Que estúpido que eu fui em fazer-me metido naquele barranco!»

Um menino ficou reprovado no exame de 2.ª grau a volta para casa com febre de 40? Atendê-lo-no: — «Oh! pai! Que estúpido que eu estive! Juro-lhe pela saúde dos criadores que eu não costumo ser assim!»

Um sujeito casa-se e tem pouca sorte com a consorte? — «Que estúpidez, a minha, de me casar!» — blasfema.

Enfim, todos nós confessamos, com uma sinceridade que é de pasmar no genero humano, que «todos temos por dia, pelo menos cinco minutos de estúpidez»!

Se v. ex.ª dão licença, eu estava ontem nos meus cinco minutos quando encontrei, descendo o Chiado, a minha velha conhecida D. Branca, viuva d'un preto de quem possue deis mulatos em perfeito estado.

— Oh! V. ex.ª por Lisboa, sr.ª D. Branca? — exclamei eu, porque está agora muito em moda exclaimar qualquer coisa.

— E' verdade, como vê! Desde que o meu marido faleceu em Angola, regressel á metropole.

— E então de que morreu seu esposo? — perguntei eu, também para perguntar alguma coisa.

— Então não sabe?! — pasmou a D. Branca, encostando-se á montanha dos Davids.

Não tinha que vêr! Eu estava absolutamente condenado a escutar a historia completa da vida,

virtudes e falecimento) dum preto... e eu confesso que me interessava ainda menos do que alguns brancos que eu conheço, que também me não interessar, nada.

— Pois o meu esposo morreu de uma bulha!

Perguntei então á D. Branca se «bulha» era alguma doença lá de Angola, mas não era... Tratava-se duma desordem que o seu respeitabilissimo esposo tivera com dois brancos por uma questão de negocios.

— E então o seu esposo não se defendeu?

— Ai não, que não defendeu! Quando eu cheguei ao pé, já os «deis brancos» estavam cortados!

— Com seda? — perguntei admirado.

— Não, senhor! Não vê que o meu homem andava sempre armado com armas brancas! Um punhal, quasi sempre!

— Ah! — fiz eu. — Então o seu marido é que era «O preto que tinha a arma branca»?

D. Branca confirmou e continuou a narrar as suas desventuras. Eu, porém, estava, decididamente, numa tarde infeliz.

E já quasi a despedir-me, perguntei á infeliz viuva porque não se divertia, porque não ia ao teatro, ao cinema, a qualquer parte, enfim.

— Ainda ontem! — explicou a D. Branca. — Comprei bilhete para o teatro e, afinal, depois não tive coragem e meti-me na cama!

— E estava lá muita gente? — perguntei eu, que não ouvi as ultimas palavras.

E só quando a D. Branca me explicou o que dissera é que eu percebi e dei graças a Deus de não estar ali ao pé do meu falecido esposo, o tal preto que tinha a arma branca. Tinhamos tido com certeza a repetição da cena dos «brancos cortados» e eu, embora «o branco no preto fale como gente», preferi despedir-me amavelmente da D. Branca e descer tranquilamente o Chiado, a pensar a sós comigo:

— Decididamente, todos nós temos, por dia, cinco minutos de estupidez!...

ANIBAL NAZARÉ.

Noticias do dia

Relogio que desaparece

Queixou-se á policia o conhecido ladrão *Pé de Ferro* que, tendo ontem roubado na rua do Ouro um relógio a um individuo que passava, sentiu-se também, momentos depois, roubado. A policia vai tomar as necessarias providencias para encontrar o relógio, para ser entregue ao ladrão. A casos como estes, felizmente raros, é preciso pôr còbro, para que ladrões que honradamente andam exercendo a sua profissão, não se vejam prejudicados por concorrentes pouco honestos que, sem escrúpulo, vão roubar os proprios colegas.

Paga o justo

Albino Justo foi ontem obrigado a pagar na mercearia da esquina uma elevada quantia, por ter ficado por fiador dum seu visinho, de profissão pescador, que, gastando á larga na dita mercearia, desapareceu depois, desconfiando-se que embarcou com Vasco da Gama, no intento de descobrir a India.

O dono da mercearia exigiu do Albino Justo o pagamento da divida, pelo que o Justo teve que pagar pelo pescador.

Da Provincia

Comunicações interrompidas

POP. O. 73. — (Pelo telefone). — Telefonam do Porto terem sido interrompidas as comunicações telefonicas, devido aos estragos causados pelo ultimo temporal. Por esse motivo não podemos publicar hoje as nossas informações daquella cidade.

Reclamação justa

Queixam-se varios moradores da Avenida Berne, na Suissa, de que esta rua se encontra num tal estado de limpeza que até chega a ser uma ofensa para as outras ruas. Pedem-nos também providencias para que a carroça do lixo apenas vá lá uma vez por semana, e não todos os dias, o mesmo acontecendo com as regas, pois dias ha em que chega a ser regada duas vezes.

Descuido com as crianças

Recolheu a sala de observações do Hospital de S. José um garoto de 4 anos, solteiro e de profissão menor, que, sem querer, engulliu em par de botas novas pertencentes a um visinho. Foi operado pelo medico de serviço, que apenas conseguiu extrair-lhe três botões e a biqueira da bota esquerda. O mesmo medico, devido á crise economica, aconselhou os pais a esportarem a noxa do cabedal para então se extrair o resto das botas.

Devido ao estado de consternação em que se encontram os donos das botas, não se fazem convites especiais.

Consequencias duma queda

Por ter caído desastrosamente na rua Augusta um individuo de apelido Morais, caso que o nosso jornal inoportunamente noticiou, recebeu o Morais uma forte indemnização da Companhia de seguros onde estava segurado.

Excursões de fim de semana

Na estação do Rocio continuam á venda os bilhetes de excursão de fim de semana com a redução de 45 % sobre os preços da Tarifa Geral. Juntamente com eles podem ser adquiridos a mesma estação cupões de hospedagem do Grande Hotel da Batalha do Porto, os quais pela quantia de 2800 deo dretto a uma dormida, a um pequeno almoço e a um almoço do domingo e bem assim para o Grande Hotel Portugal, a Figueira da Foz que comprehende jantar e de manhã de dia de almoço e um pequeno almoço e almoço de dia seguinte, de manhã pelo preço de 1000.

Para serviços semelhantes — ou para quem que venham a aderir outros hotéis do País — tendo o melhor acolhimento por parte do publico, a avaliar pela enorme procura que os bilhetes têm tido.



José dos Santos Freltas



Ela—A cosinheira queimou a sopa outra vez.

Ele—Outra vez! Esperamos mais oito dias.

Ela—E creio que queimou os bifes.

Ele—Isso é demais, damos-lhe mais quinze dias...

Uma complicação

A viagem fôra longa. Longa e, valha a verdade, bastante maçadora.

O seu cargo de representante de varias casas comerciais obrigava-o a constantes viagens e á utilização dos mais curiosos meios de transporte.

Daquela vez, a viagem fôra apenas de comboio e razão de queixa não haveria se não fosse a distancia a percorrer e um calor insuportavel.

A um canto, encostado á janela, seguia o nosso homem, o «Pereira das sedas», como lhe chamavam os clientes, para quem tinha uma anedota a contar sempre que era mister impingir-lhes qualquer mercadoria.

Quando o comboio galgou a gare de Castelo Branco, o Pereira atirou cá para fóra um suspiro de alívio e, agarrando na bagagem, saiu a estação precipitadamente. Era meia noite.

Entrou no hotel e, assim que lhe destinaram o quarto, subiu as escadas que ali o conduziam. Deitou-se.

Ái pelas duas horas, quando estava no melhor do seu sono, uma formidável dor de barriga fê-lo acordar. — «Diabo! — pensou ele — como resolver este gravissimo problema intestinal?»

Levantou-se. Abriu a porta e saiu para o corredor, em busca da casa dos alívios. Mas não houve forma de a encontrar... E porque as dores apertassem, colocou um jornal no chão e ali deixou gravado o seu alívio. Embrulhou depois aquilo tudo, na ideia de no dia seguinte o largar em qualquer lado. Deitou-se.

A janela que deitava para a rua estava aberta, mas apesar disso o cheiro era insuportavel. Furioso, o Pereira, sem se levantar da cama, agarrou no embrulho e arremessou-o em direcção á janela. Com tanta infelicidade, porém, que o presente se foi pegar no tecto.

No dia seguinte, assim que viu o dono do hotel, pretendeu apresentar-lhe qualquer desculpa. Mas o hospedeiro não lho permitiu, dizendo:

— Não tem importancia... Não esteja preocupado. O que me faz pensar é a posição em que o senhor se pôs para fazer aquilo no tecto.



Ela—Não sei porque estás tão magado!

Ele—Não sabes talvez o que fizeste. Eu sei e bem: bateste os tapetes com a minha raquete...

O NOSSO CONCURSO

Parodia á quadra premiada do «Diario de Lisboa»

São inumeros os votos que temos recebido para a classificação final das quadras do nosso concurso. Pena é que nem todos possam ser contados—isto de eleições é uma coisa muito séria—por não se encontrarem nas condições legais, que é como quem diz nas condições estabelecidas. Era condição indispensavel que as quadras fossem recortadas do *Sempre Fixe*, mas, infelizmente, nem todos os eleitores compreenderam este preceito e enviaram-nos quadras manuscritas e dactilografadas. Assim não vale.

No proximo numero daremos o resultado final do plebiscito, mas desde já podemos ir dizendo que as preferencias quasi se mantem a favor das seguintes quadras:

HUMORISTICAS

*Se era em baixo, no regaço,
Que dormia esse sujeito,
Não pode ser disso a nodoa
Que a senhora tem no peito.*

*Tenho uma nodoa no peito
Que hei de mostrar ao meu Jorge.
Se calhar é deste geito
De trazer «sout-en-gorge».*

LIRICAS

*Tenho umas nodoes no peito
Tão negras que até receio
Que vejam que têm o geito
Dos biquinhos do teu seio.*

*Amei-te por seres perdida,
Mas agora olha o efeito:
A nodoa da tua vida
Fez-me uma nodoa no peito.*

A unica diferença que se nota, desde o nosso ultimo numero, é que a quadra lirica

*Tenho umas nodoes no peito,
Tão negras que até receio...*

foi para cima da outra.

Agora só ha uma semana para quem se quizer manifestar.

E' votar, meus senhores, é votar, porque o voto é o mais alto dever e o mais sagrado direito do cidadão. Puff... Até parece do *Diario da Manhã*...

DESSPORTOS

A visita do Natació, de Barcelona, a Lisboa deu azo a que mais uma vez se mostrasse com todo o seu esplendor a delicadeza dos portugueses, já sobejamente demonstrada no *foot-ball* e em outros desportos.

Os portugueses, é sina, mais uma vez perderam.

Natació, 10—Algés e Dáfundo, 1.
Natació, 6—Seleção de Lisboa, 2.

Natació, 14—Bemfica, 1.

Constata-se, por consequencia, que os espanhóis não se contentaram com menos de meia duzia de goals. Mais uma vez os portugueses perderam, no jogo. Mas, em compensação, ganharam em simpatias.

A este respeito, o telegrama dos Lossos visitantes, publicado nos jornais da especialidade, é significativo.

E' fóra de duvida que os nadadores e dirigentes portugueses os cumularam de gentilezas, desde a recepção no Rossio até ao banquete no Estoril, para o qual, por sinal, só foram convidados os jornalistas *amigalhões*.

E, então, sim. No capítulo delicadeza, ganhámos, vencemos, mas a valor!

Qualquer dia, a manter-se com o mesmo valor o nosso mais desportivo, o jogador português, não hesite, quando se encontrar, de armar á seguinte divisa:

—Portuguezes! Desportistas absolutamente dispostos a perder, mas com toda a delicadeza...

Assistimos, num domingo, ao encontro catalães-lisboetas, em water-polo.

A difficil missão de arbitrar foi entregue a Torok, exímio water-polista e húngaro de nascimento, que não favoreceu, como alguns desejavam, pelos vistos, o grupo português. Aconteceu que, numa altura em que Torok assinalou uma falta contra os portugueses, o dirigente de natação, com responsabilidades ligadas ao seu nome, entendeu por bem que devia gritar, com as faces avermelhadas e gesto desordenado, o seguinte mimo de delicadeza (sempre em acção a delicadeza dos portugueses):

—Fóra! Fóra, seu Torok! Olha que os espanhóis não são húngaros...

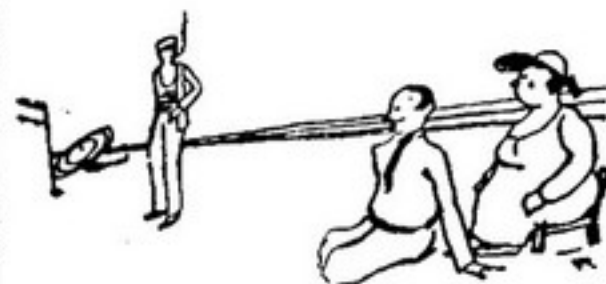
Parece que, na bem frequentada praia da Trafaria, o director do club, Jorge Shore, tem causado successo, como *tennista*...

Tem vencido, com extraordinaria facilidade, todos os individuos que lhe aparecem, dispostos a arrebatá-lo o valioso titulo de *Campeão da Trafaria*.

Consta-nos que esta boa fórmula, como jogador de tennis, do Shore, levou o grande desportista e amigo dos Belenenses, Carlos Silva, a pronunciar a seguinte sentença:

—O Jorge Shore, não ha duvida, é o Cochet da Trafaria...

JONICA.



Ele—Que lhe parece esta moda ridicula dos pyjamas? Aquilo será homem ou mulher?

Ela—E' mulher.

Ele—E porque afirma uma coisa dessas?

Ela—Tenho a certeza. E' minha neta...

A duvida

Era um casal feliz, este de D. Elisa e do sr. Costa.

Comerciante de certa fama, ganhara ele uma fortuna que, embora não fosse grande, lhe permitia uma vida desafogada.

D. Elisa era uma senhora de trinta anos, elegante e de certa formosura.

Haviam casado, dizia-se, que por amor e o sr. Costa tinha pela concorte uma ternura bem difficil de exceder. E se essa ternura fôra desde o começo do namoro coisa apreciavel, aumentou consideravelmente no dia em que D. Elisa apresentou o esposo com um gracioso pimpolho.

O sr. Costa não sabia que mais fazer para fortalecer a amizade da esposa, e tanto fez que, quatro anos após o casamento, o casal tinha no seu efectivo nada menos de três filhos, qual deles o mais louro e mais gracioso.

O Costa, o bom do Costa, se até ali já roubava os fregueses com uma certa elegancia, foi forçado a usar de meios mais eficazes para que os lucros fossem maiores ainda.

Três filhos já era coisa importante... mas um dia a D. Elisa annunciou-lhe o proximo nascimento do quarto rebento. O Costa rejubilou.

Chegado o grande dia, o nosso homem, quando olhou para o recém-nascido, notou que este, ao contrario dos outros garotos, que eram louros, apresentava cabelo preto.

O Costa coçou na moleirinha e pôs-se a pensar no caso: E perguntava-se:

—Acaso a Elisa me engana?

Andou talvez um mês sem coragem para fazer á mulher qualquer pergunta que o tirasse de duvidas. Mas uma noite, sem que ela o esperasse, atirou-lhe com a pergunta:

—Olha lá, Elisa: este filho é meu?

—Oh! homem, então porque não? Que desconfiança é essa?—retorquiu ela, toda zangada.

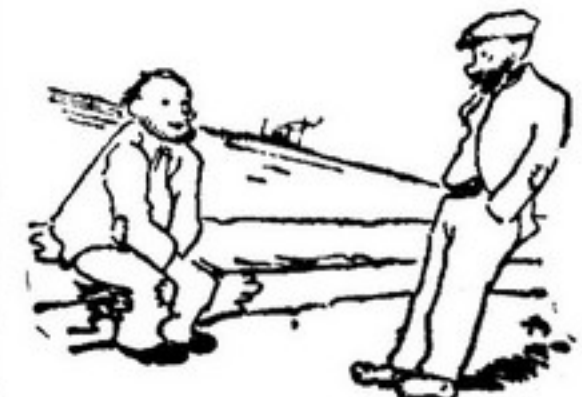
—Bem... Não falemos mais nisso. ... Correram tempos. E a duvida subsistia. Até que o Costa voltou de novo á carga:

—Oh! Elisa! Eu juro que te perdoo... Confessa-me lá se tens algum pecado na vida...

—Eu...

—Sim... Diz-me com toda a franqueza: este filho é meu?...

—Vou falar-te com franqueza: este é... os outros é que não são!



—E depois de pensar em balaia grande, o que lhe fizeste?

—Tratei de a correr.

—E os ossos?

—Ei pondo-os na borda do prato...

ECOS DA SEMANA

PARA QUE SERVE SER CAMPEÃO DE SÓCO? AFINAL O DEMPSEY LEVOU POUCAS DA MULHER... QUE DESGRAÇA ACABARAM-SE AS MULHERES...



APÓS DOLOROSOS ESTUDOS UMA COMISSÃO DE HIGIENISTAS DESCOBRIU A FORMULA PARA DEBELAR AS VARIAS ILHAS DAS COBRAS DAS TRAVESSAS ANDRÉS VALENTES: UM MOLHO DE CARQUEIJA E UNS FOSFOROS



AFINAL EM CAJCAIS O "PARECEMAL" FICOU IRRITADO POR VER UMA CAMISOLA AZUL... OH! AHI IH! COM UMA PAS MACEIRA TAL... POBRE TURISMO.



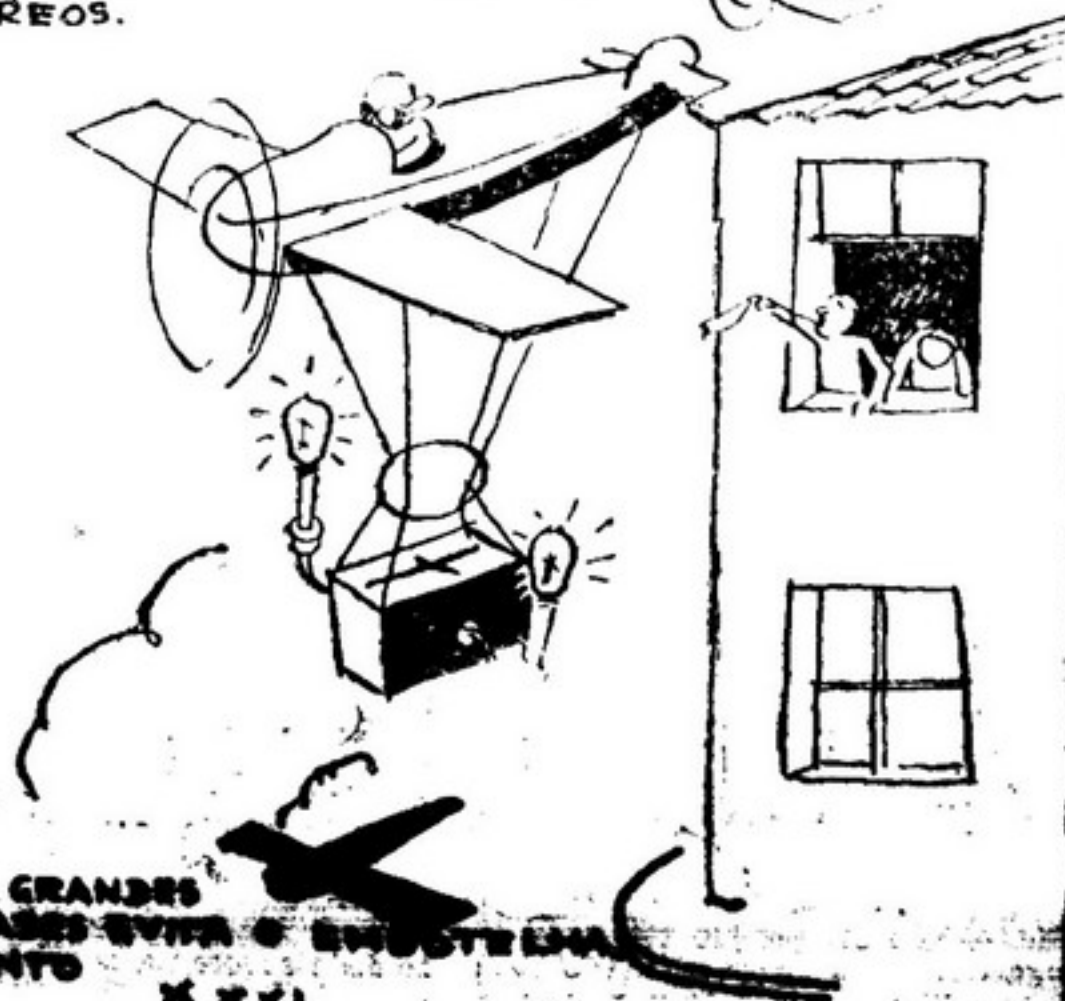
VOLTOU A OUIR-SE A COSTUREIRA. POR CAUSA DISSO HA ME NINA QUE NÃO PREGA OLHO...



JA' ESTÃO A VENDA AS NOVAS PISTOLAS ALIMENTADAS A GAZ DE FEIJÃO. OS EFEITOS SÃO FLATULENTICAMENTE MORTAIS.



O ENTERRO DE ARROIOS INSPIROU UM DOS NOSSOS MAIS DISTINTOS CANGALHEIROS A ORGANIZAÇÃO DE FUNERAIS AEREOS.



NAS GRANDES CIDADES EVITA O ENTULHAMENTO XXXI